



PERO VAZ DE CAMINHA



Ilustrações de HERMES

Imagens, dicas e notas explicativas para transformar sua leitura numa aventura



A CARTA

DO ACHAMENTO DO BRASIL

TEXTO INTEGRAL

HQ!!



**SABEDORIA
PORTÁTIL**



PERO VAZ DE CAMINHA

Ilustrações de HERMES

Imagens, dicas e notas explicativas para transformar
sua leitura numa aventura do Descobrimento



A CARTA

DO ACHAMENTO DO BRASIL



**SABEDORIA
PORTÁTIL**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © *A carta do achamento do Brasil (Texto Integral em HQ)*

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Todos os direitos reservados

Título original: *A carta do achamento do Brasil*

Texto-base: disponibilizado pelo Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro por meio do site dominiopublico.gov.br

Comentários e notas sobre a Carta: Claudio Blanc

Edição: Fernanda Emediato

Revisão: Josias A. de Andrade

Capa, projeto gráfico e ilustrações: Hermes Ursini

Diagramação e arte final: Alan Maia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Caminha, Pero Vaz de, 1450?-1500

A carta do achamento do Brasil / Pero Vaz de Caminha.

- São Paulo : Planeta do Brasil, 2022.

104 p.

Bibliografia

ISBN: 978-65-5535-926-8

I. Brasil - História - Descobrimento, 1500 - Fontes

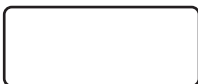
I. Título

22-3941

CDD 981.01

Índice para catálogo sistemático:

I. Brasil - História - Descobrimento, 1500 - Fontes



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Sumário

O “achamento” do Brasil 7

Paulo Rezzutti

Um Novo Mundo..... 13

Claudio Blanc

A carta..... 26

Pero Vaz de Caminha

A carta em imagens..... 82

A Carta do Achamento na

perspectiva estudantil 88

Marcella Abboud

O contexto de produção 88

A carta do achamento nas provas de vestibular.....91

QR Code para vídeo sobre o autor e a obra..... 102

Referências bibliográficas 103



SABIDORIA
POR NATIL



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

O “achamento” do Brasil

Por Paulo Rezzutti¹

A esquadra de Pedro Álvares Cabral saiu de Portugal, deixando o rio Tejo, no dia 9 de abril de 1500. Era composta de 13 embarcações: nove naus, três caravelas e uma naveta de mantimentos. Os navios levavam cerca de mil e quinhentos homens, entre marinheiros, navegadores experientes, comerciantes, médicos, cientistas e religiosos, além de soldados. O destino da frota era Calicute, na Índia, onde os portugueses, liderados por Cabral, deveriam criar uma feitoria, um posto de comércio e armazenamento de especiarias, que rendiam fortunas para os cofres de Portugal.

O destino da frota era Calicute, na Índia, onde os portugueses, liderados por Cabral, deveriam criar uma feitoria, um posto de comércio.

¹ Paulo Rezzutti é escritor e biógrafo. Foi vencedor do Prêmio Jabuti de Literatura na categoria biografia em 2016 com a obra *Dom Pedro, a história não contada*. Além da biografia de d. Pedro I, também é autor das biografias da imperatriz dona Leopoldina, de d. Pedro II e da Marquesa de Santos. Sua carreira literária teve início em 2011 com a publicação de *Titília e o Demonão*, cartas inéditas de d. Pedro à marquesa de Santos, descobertas na Hispanic Society of America em 2010. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico de Petrópolis e do Instituto Histórico e Geográfico de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro.

Algumas teorias afirmam que Portugal já sabia das terras que ficariam conhecidas como Brasil, e que a esquadra de Cabral passou aqui antes de ir para a Índia para tomar posse das terras que ele batizou de Ilha de Vera Cruz. Outra versão, mais tradicional, é de que tudo não passou de um acaso. As fortes tormentas do Oceano Atlântico teriam contribuído para a frota mudar o curso e chegar ao litoral da Bahia. Para notificar o rei de Portugal a respeito das novas terras, Cabral enviou um navio de volta a Lisboa com as cartas, incluindo a de Caminha; e partiu para a Índia, no início de maio de 1500, com o restante dos seus navios, para o objetivo principal da sua missão.

Diferentemente da atualidade, em que 84%² da população mundial sabe ler e escrever, no fim da Idade Média e início da Moderna a realidade era bem diferente. Eram raras as pessoas alfabetizadas, e geralmente elas só eram encontradas nas altas classes da sociedade. Pero Vaz de Caminha, natural da cidade do Porto, em Portugal, nasceu em 1450. Tanto ele quanto seu pai foram cavaleiros dos duques de Bragança e serviram aos reis portugueses. Eram letrados e exerceram o cargo de mestre da balança da Casa da Moeda, posto equivalente ao de escrivão e tesoureiro. A educação de Caminha

² Fonte: (2013 UN Human Development Report e Individual Statistics Departments).

A Carta

valeu-lhe a nomeação como escrivão da feitoria que deveria ser erguida em Calicute, na Índia, e, por essa razão, ele embarcou na frota de Pedro Álvares Cabral, que em abril de 1500 acabaria chegando à terra que viria a ser o Brasil.

Escrita na Ilha de Vera Cruz, primeiro nome dado pelos descobridores portugueses ao Novo Mundo, que atualmente corresponde à parte nordeste da costa brasileira, e datada de 1º de maio de 1500, a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei d. Manuel I de Portugal costuma ser designada como a certidão de nascimento do Brasil. As terras que passariam a ter esse nome já eram habitadas por mais de 2 milhões de indivíduos de povos nativos. Mais do que uma “certidão de nascimento”, que só tem essa conotação se utilizarmos o olhar eurocêntrico, a carta mostra a reação e o deslumbramento dos primeiros europeus ao entrarem em contato com as terras e os povos originários do continente sul-americano.

Sem pretensão de ser um texto literário, o objetivo da carta de Caminha é informar o rei de Portugal a respeito das novas terras a que a frota liderada por Pedro Álvares Cabral chegara e descrever as características da terra e do povo que acabaram de conhecer. Além da missiva de Caminha, são conhecidas mais duas outras escritas por tripulantes da expedição para o rei d. Manuel I. Uma delas foi a chamada “Relação do Piloto Anônimo”, cujo autor, de acordo com alguns estudos, pode ter sido João de



As terras que passariam a ter esse nome já eram habitadas por mais de 2 milhões de indivíduos pertencentes a povos nativos. Mais do que uma “certidão de nascimento”, que só tem essa conotação se utilizarmos o olhar eurocêntrico, ela mostra a reação e o deslumbramento dos primeiros europeus diante das terras e dos povos originários sul-americanos.

Sá, escrivão da armada de Cabral. Esse relato acabou sendo publicado em italiano em 1507. A outra carta é do chamado “Mestre João”, um médico, astrônomo, astrólogo e físico judeu, de origem espanhola, cujo nome seria João Faras. A carta de Mestre João é importante, pois é uma das primeiras a identificar a constelação do Cruzeiro do Sul e a fazer menção de que já se sabia da existência de terras na região.

Entre as três cartas, a de Caminha destaca-se. Seu estilo é espirituoso e dá um colorido ao relato. É a única a descrever os nativos e os primeiros contatos registrados entre os europeus e os povos originários, além de relatar a data da chegada dos portugueses ao Brasil, 22 de abril de 1500. A carta, apesar da linguagem burocrática, é direta e até divertida.

Caminha observa os homens e as mulheres da nação dos tupinambás, que habitavam o litoral da região de Porto Seguro, na Bahia, onde a esquadra de Cabral aportou. Entre as longas descrições do ambiente, detém-se naquelas a respeito dos povos originários. Observa como os homens da aldeia estavam ou não armados, como era a postura deles, fala de seus corpos nus, pintados ou não, e dos objetos de adorno. Além disso, mostra o estranhamento deles em relação ao que os portugueses possuíam, como contas e outros objetos, e até da reação que tiveram ao ver uma galinha pela primeira vez. Caminha também entra em detalhes como o de que os indígenas não eram circuncidados.

Apesar de em algumas menções as mulheres entrarem na narrativa em conjunto, por fazerem parte de um grupo em que havia homens também, as menções às indígenas referem-se, invariavelmente, ao seu corpo, como quando ele brinca com a palavra “vergonha”, ao falar sobre os genitais dos nativos, principalmente das mulheres, que não eram cobertos. Ao se referir aos órgãos sexuais como “vergonhas”, ele usa outras variantes, como “envergonha” e “desvergonha”, para se referir às reações dos europeus à nudez das nativas. Elas deixam de ser invisíveis, sobretudo as mais jovens, por estarem nuas. Em geral, são descritas em grupo e não se sobressaem individualmente. Nesse ponto, chama a atenção a total falta de menção a mulheres idosas. Se estas foram vistas por Caminha, não parecem ter sido dignas de registro específico.

Das três cartas escritas ao rei de Portugal de que se tem notícia, tanto a de Caminha quanto a de Mestre João só passaram a ser conhecidas do público muitos séculos depois de seu envio. As novas terras eram mantidas em segredo, ou ao menos essa era a pretensão. A carta de Caminha ressurgiu em 18 de fevereiro de 1773 na Torre do Tombo, o arquivo da Coroa Portuguesa. Nessa ocasião, por ordem do dr. José de Seabra e Silva, guarda-mor da Torre, foi feita uma cópia para “melhor inteligência do seu original”, sendo o escrivão responsável Eusébio Manoel da Silva. Em 1785, o historiador espanhol

Juan Batista Muñoz foi a Lisboa pesquisar documentos para a sua obra *História del Nuevo Mundo*, cujo primeiro volume foi publicado em 1793. Nela, aparece pela primeira vez a notícia da existência da carta de Caminha. Em 1817, finalmente, a carta foi publicada na íntegra em uma obra de língua portuguesa, a *Corografia Brasília*, do padre Manuel Aires de Casal, que saiu pela Impressão Régia, no Rio de Janeiro. Já a carta de Mestre João só apareceria anos depois, em 1843, por iniciativa de Francisco Adolfo de Varnhagen, seu descobridor, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo V, nº. 19.

Ao contrário dos nativos brasileiros, que não demonstraram qualquer agressividade com os portugueses, estes não tiveram a mesma sorte na Índia. Lá, foram atacados pelos muçulmanos, e muitos perderam a vida. Acredita-se que somente um terço dos homens que partiram com Cabral para a missão conseguiu sobreviver. Infelizmente, Pero Vaz de Caminha, o escrivão da carta informando sobre o Brasil, não foi um deles. Caminha foi morto durante uma batalha em Calicute em dezembro de 1500.